

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

SOMOS APENAS UM ALGORÍTMO REDE SOCIAIS E IMPACTOS NA ADOLESCÊNCIA UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA

Vitória Fagundes de Oliveira, Nicole Francielle Rusch, Geraldo André Orlandi.

Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS, Vitória Fagundes de Oliveira,
vitoriafagundesdeoliveira@gmail.com, ²Nicole Franciele Rusch; nicolrusch@gmail.com; ³Geraldo
André Orlandi; geraldo@feevale.br
Dr. Juliana Da Rosa Pureza, julianapureza@feevale.br. Coordenadora e professora Claudia Maria
Teixeira Goulart, claudiag@feevale.br

Resumo

A evolução tecnológica tem causado inúmeras mudanças e afetado diretamente a vida em sociedade. O presente artigo, consiste em um relato de experiência de uma intervenção voltada ao uso excessivo de tecnologias e seus impactos na formação subjetiva e desenvolvimento psicossocial de adolescentes. Trata-se de uma atividade vinculada ao Projeto de Extensão Jovem Aprendiz Feevale, com 54 jovens. O intuito foi promover reflexão, por meio de atividades vivenciais, sobre a hiper conectividade, percebida como um comportamento desafiador na atualidade, tendo em vista os atravessamentos no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de autonomia, essenciais nessa fase do ciclo vital. Os adolescentes problematizaram sobre sua interação com as redes, refletindo os impactos sob as habilidades, bem como de aspectos cognitivos, subjetivos e na tomada de decisão. Ademais, foram observados indicadores de ansiedade, caracterizados por maior agitação dos adolescentes. Desta forma, conclui-se que embora as tecnologias sejam de importância inegável, o uso disfuncional pode acarretar prejuízos na formação dos jovens.

Palavras-chave: Tecnologias. Impactos. Adolescência. Subjetividade.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

A evolução tecnológica tem causado inúmeras mudanças e afetado diretamente a vida em sociedade, à medida em que também vem transformando as formas de relacionamento e interação social. Cada vez mais presentes na rotina das novas gerações, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) mudam a forma como a sociedade lida com os eventos cotidianos. Nesse sentido, as TICs podem ser compreendidas enquanto dispositivos desenvolvidos com o objetivo de obter, armazenar e processar informações, possibilitando o estabelecimento de comunicação e o compartilhamento de informações entre a sociedade (FILHO; TRAINOTTI, 2018). Contudo, cabe ressaltar para além dos aspectos positivos, uma vez que atravessar a vida em sociedade, implicando no desenvolvimento cognitivo, subjetivo e nas relações interpessoais dos indivíduos.

Em se tratando da fase do ciclo vital, é imperativo tecer reflexões acerca dos impactos para o desenvolvimento dos jovens, visto que estão em pleno processo de construção subjetiva. Desta maneira, o presente estudo se trata de um relato de experiência que objetiva descrever uma prática realizada na Oficina de Psicologia, com jovens inscritos no Projeto de Extensão Jovem Aprendiz Feevale. Teve-se como pauta o uso excessivo de TICs, a fim de proporcionar um espaço de discussão crítica sobre o consumo demasiado dos conteúdos midiáticos e a percepção dos adolescentes quanto aos possíveis impactos atrelados a esse comportamento.

O Projeto de Extensão Jovem Aprendiz Feevale atua desde 2007 com foco na inclusão de adolescentes em situação de vulnerabilidades, através das dimensões social, cultural e profissional. Para tanto, oferece um curso de capacitação na área de Tecnologias da Informação, além de Oficinas de Língua Portuguesa e de Psicologia, a fim de possibilitar o desenvolvimento de habilidades consideradas fundamentais para a vida e para o mundo do trabalho. Destina-se a alunos da rede pública de ensino, com idades entre 16 e 22 anos, cuja renda familiar seja inferior a 1,5 salário-mínimo.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Metodologia

O presente trabalho consiste em um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, relacionado a uma prática vinculada ao Projeto de Extensão Jovem Aprendiz Feevale. O trabalho foi produto de duas oficinas, com a duração de quatro horas, realizadas em formato de grupos operativos e voltadas à temática do uso de TICs com adolescentes, com idades que compreendem entre 16 e 22 anos, com objetivo de dialogar acerca das interações dos jovens com as redes sociais. As oficinas foram ministradas pelas bolsistas do Projeto sob supervisão das professoras responsáveis.

O trabalho foi dividido em duas oficinas separadamente, com duração de quatro horas cada. No primeiro encontro os celulares foram recolhidos e colocados em uma caixa, de modo que seriam devolvidos apenas ao final do encontro. O objetivo, era que pudessem perceber como se sentiam longe das redes sociais, servindo como temática de discussão do grupo. Foi passado cerca de 50 minutos do documentário da Netflix "O dilema das Redes", e pedido que anotassem os pontos importantes e aquilo que mais lhes chamasse a atenção, a fim de realizarmos um debate e compartilhamento de ideias posterior. Aplicou-se o Inventário de Adicção ao Smartphone (KHOURY et al. 2017; LIN et al. 2014), com 26 questões relacionadas ao uso de telas, que deveriam ser respondidas no final do encontro.

Na segunda oficina, foi realizada uma atividade em formato de Juri Simulado, com a temática de TICs, onde a turma foi dividida em três grupos. Dois grupos deveriam expor argumentos contra o uso das TICs, enquanto ao outro caberia elencar os argumentos positivos. Ao final, o grupo responsável pelas deliberações deveria comunicar os resultados que, na opinião deles, sobressaiu-se. O objetivo, era trabalhar o conhecimento mais aprofundado sobre o tema, com base em pesquisas aprofundadas, bem como treinar a argumentação e avaliação de aspectos positivos e negativos de um ponto de vista. Também foi possível falar sobre as dificuldades na tomada de decisão e dos impactos na autoestima.

Resultados

Os principais resultados indicam impactos na autoestima e habilidades sociais, mencionados pelos participantes, e apontaram que mais da metade da amostra fecharam critérios para dependência do uso de smartphone (58,6%). O aplicativo mais utilizado entre os adolescentes que participaram da oficina é o Instagram (72,4%), e apresentaram uma média de 6h 30 minutos por dia conectados. Impactos cognitivos, embora não avaliados, também são presentes nos relatos dos participantes, e aparecem principalmente associados a tomada de decisão.

Discussão

Sabe-se que a adolescência é um período voltado às interações sociais e a construção da identidade subjetiva. Deste modo, os relacionamentos com pares, são especialmente importantes para a formação e individuação do sujeito, bem como para o seu desenvolvimento Moral, que até este momento, pautava-se exclusivamente pelos pressupostos das dinâmicas familiares (PAPALIA, 2013).

O pertencimento a um grupo é uma característica intrínseca a fase, uma vez que, é dentro dele, e a partir dele, que o adolescente será capaz de desempenhar papéis sociais diferentes daquele que assume na família. No entanto, o que pode ser positivo, às vezes, acaba por influenciar negativamente, e na pressão para pertencer, o jovem pode aderir às regras ditadas por esses grupos e introjetam as características desses modelos de vida em sua personalidade, que está em processo de desenvolvimento (LIMA et al., 2012). As novas gerações, chamados, nativos digitais, são mais suscetíveis às transformações voláteis oferecidas pelas tecnologias, e encontram-se mais facilmente, enredadas pelas facilidades que ela dispõe, o que pode tornar-se um precipitador de isolamento social e por consequência, vir a comprometer as capacidades de sociabilização e alargamento do repertório de habilidades sociais, saudáveis e essenciais para a idade, e que podem refletir na inserção e nas relações no ambiente de trabalho.

Destaca-se que, à medida que os jovens passam a ficar conectados mais tempo que o necessário, com acesso a uma fonte inesgotável de informações a apenas um clique de distância, passam a acostumar-se com a sensação de gratificação imediata, e diminuir ou, até mesmo, evitar o desconforto de novas situações, deixando de adquirir habilidades de interação social, comunicação e experiências

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

emocionais diversas, que por sua vez, impactam exponencialmente o seu repertório emocional, já que não se distanciam do conhecido e deixam de enfrentar desafios importantes para o desenvolvimento cognitivo e emocional, relevantes para a identidade pessoal e profissional.

Esse excesso de informações, mencionados pelos autores, e apontado por estudos americanos, indicam que quanto maior o tempo gasto nas redes sociais, maiores são os riscos de problemas na saúde mental, podendo citar o aumento de diagnósticos de Ansiedade, Depressão, ideação suicida e automutilação (RIEHM KE, et al, 2019). Dito isso, fica a principal questão: Como os adolescentes estão interagindo socialmente e com qual qualidade esses vínculos estão sendo estabelecidos? Na adolescência, pode ser comum escutar o jovem relatar sentimentos de tédio, quando dispõe de tempo livre. Isso acaba facilitando o caminho para o desenfreado uso de telas, ao passo que tais sentimentos de desconforto, são preenchidos e compensados, com informações novas, que proporcionam a sensação de prazer momentâneo. O risco, é que o cérebro passa a reconhecer a sensação, visto a alteração dos níveis dopaminérgicos, tornando o comportamento cada vez mais necessário.

Nesta fase do ciclo vital, os jovens podem apresentar uma tendência a comparação, e, por vezes, sentem-se mais frequentemente inseguros quanto a autoimagem. Assim, o adolescente embarca, em uma comparação com essas imagens e cenários, impactando negativamente suas referências (FELICIANO; AFONSO, 2012). Esta insegurança pode estar fortemente relacionada com o comportamento de visualizar nas redes sociais imagens de biotipo e estilos de vida que não condizem com a realidade deles, podendo afetar a forma como percebem a si e o seu futuro, o que acaba por reforçar padrões estabelecidos de beleza, gerando frustração e sentimentos de inferioridade, como bastante mencionado pelo grupo. Assim, o problema não são as telas, ou a tecnologia, mas sim, o excesso, que pode interferir na autopercepção dos jovens sobre si mesmo, e, portanto, capaz de gerar distorções na autoimagem.

A consequência dessas estratégias, que permitem a fuga ou camuflagem desses sentimentos e emoções, é que reforçam as crenças de que o indivíduo não pode tolerar tais sensações, e acaba por não compreender e lidar com essa ansiedade, reforçando e aderindo a novos comportamentos adictivos, capazes de suprir esses espaços, tornando-os menos tolerantes ao desconforto. Assim, passam a incorporar esses mecanismos em seu funcionamento. Deste modo, infere-se que a internet promove um conforto, que na grande maioria das vezes, não encontram no mundo real (BESERRA et al., 2016). Falar sobre as reverberações da mídia nas relações humanas, implica olhar para a sociedade altamente conectada e hiperexposta, sujeita a limites menos definidos, já que tudo se torna conteúdo e é rapidamente compartilhado, aumentando os sentimentos de comparação e ansiedade. Desta forma, ao mesmo tempo em que a tecnologia facilita nossa vida, gera uma pressão extrema, em termos de imediatismo, com a rapidez da informação, que pode pressionar as pessoas e dessa forma, ela provoca problemas de estresse e ansiedade (ROSSI apud SILVA, 2017).

Uma pesquisa do instituto de psicologia da USP, com adolescentes brasileiros, demonstrou que 85% dos jovens jogam vídeo game, sendo que 28% fecharam critérios do transtorno de jogo pela internet, de acordo com um DSM-V. A prevalência de jovens que jogam problemáticamente é maior no Brasil do que em outros países, o que torna estudo relevante para pensarmos na saúde e qualidade de vida dos adolescentes. Os resultados apontaram que 57% da amostra, fazem uso como meio de esquivar-se da vida real, impactando na diminuição do investimento em outras áreas da vida, como a interação social real, atividades físicas, e o afastamento de amigos e familiares (CAMATTA, 2022).

Segundo Lemos (2001), "os adolescentes em permanente construção interna, vêm sendo "bombardeados" por informações que nem sempre contribuem para a constituição de uma identidade genuína". Em outras palavras, a hiperexposição, acaba aguçando problemas já presentes na adolescência, e interferindo na percepção de estima dos jovens e no desenvolvimento de sua autoimagem, que podem estar fortemente balizadas pela opinião do outro e pelo medo do julgamento, impactando a construção de uma identidade mais coerente com seus valores e possibilidades. Neste sentido, através das discussões realizadas em ambos os encontros, os principais resultados puderam ser pensados em duas grandes categorias. Estas, levam em conta os impactos cognitivos e subjetivos de acordo com a observação e autorrelato. Na primeira oficina, o grupo apresentou comportamentos possivelmente associados a ansiedade de estar longe dos seus celulares, observados nos comportamentos de agitação e impaciência, que corroboravam com os depoimentos ao longo das discussões. Tais depoimentos apontaram dificuldades de concentração, maior ingestão alimentar no

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

período do intervalo e dificuldades em não receber informações do mundo externo, visto que a presença do celular é um hábito forte entre o grupo.

O aplicativo mais utilizado entre os adolescentes que participaram da oficina é o Instagram (72,4%), em uma média de 6h 30 minutos por dia conectados, ponto que também foi mencionado nas discussões como sendo uma rede social que afeta a autoestima dos jovens. Estes, relataram perceber aumento dos sentimentos de comparação e insatisfação com o próprio corpo, influenciadas pelos inúmeros procedimentos estéticos disseminados nas redes em busca da beleza ideal, gerando dificuldades de aceitação. Nesse sentido, conforme Murari e Dorneles (2018), é possível observar pelas mídias televisivas e redes sociais o crescente desenvolvimento de transtornos relacionados a distorção da imagem corporal.

De acordo com Branden (1995, p.1), “a autoestima tem dois componentes: o sentimento de competência pessoal e o sentimento de valor pessoal, ela reflete na capacidade de lidar com os desafios da vida e no direito de ser feliz”. Assim, pode-se compreender este, entre outros aspectos relevantes na manutenção da saúde mental das pessoas, visto que influencia na forma como ela irá compreender os fenômenos ao seu redor e lidará com as situações. Não é apenas a autoimagem corporal, mas a percepção de autoeficácia. Nesse sentido, precisa ser desenvolvida continuamente (GUILHARDI, 2002). Trazendo estes aspectos para a fase da adolescência, é crucial considerar as tendências de extrema preocupação com a imagem corporal, que podem ser um precipitador de sofrimento, e trabalhar na compreensão das estereotípias envolvidas nos padrões estéticos de beleza disseminados na mídia.

As estimulações audiovisuais e emocionais em atividade máxima afetam o processamento cognitivo, dado o volume de informações consumidas ao longo da exposição contínua. Assim, o uso das mídias sociais estaria fortemente relacionado com o aumento do risco de adoecimento psíquico, apresentando sintomas internalizantes, como ansiedade, retraimento social, depressão, sentimentos de inferioridade, e outros, assim como comportamentos externalizantes – impulsividade, hiperatividade e favorecimento de conflitos nas relações (RIEHM KE et al. 2019). Dois estudos publicados no Jornal da Universidade de Chicago indicam que, embora os sujeitos sejam bem-sucedidos na manutenção da atenção sustentada (não mexer no celular), a simples presença do dispositivo implica na ocupação de recursos atencionais, limitando energia cognitiva, que seriam destinados a outras tarefas em geral e que, por sua vez, impactam principalmente na capacidade de memória de trabalho e na inteligência fluida funcional (WARD, ADRIAN, et al. 2017).

Assim, significaria dizer que a presença do smartphone interage adversamente com a disponibilidade atencional do indivíduo, que são recrutados para inibir a atenção automática ao dispositivo, dificultando que o indivíduo se envolva em outras tarefas, quer sejam simples ou complexas. O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos informações impulsos e modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção (HAN, 2017). Pensando pelo prisma desses dados, ficar longe do celular pode ter gerado sentimento de insegurança e ansiedade, que dificultaram os níveis de atenção nas tarefas, visto a agitação e dificuldades do grupo em se manter concentrados nas discussões ou no momento de responderem a escala, necessitando de muitas mediações ao longo do encontro. No que se refere aos questionários aplicados, mais da metade da amostra, fecharam critérios para dependência do Smartphone (58,6%). Estudos sugerem que existe uma possibilidade de vício não no uso em si do dispositivo e ou redes sociais, mas sim, do excesso de estímulo causados pelo aumento dos receptores de dopamina que esse uso gera, proporcionando uma sensação de bem-estar imediato, ao acessar novas informações, estar conectado, alimentando-se de novidades.

Conclusão

O presente artigo teve por objetivo relatar a experiência de uma prática realizada na com jovens aprendizes, na Oficina de Psicologia do Projeto de Extensão Jovem Aprendiz Feevale. Tal prática visou dialogar acerca dos impactos do uso excessivo das redes digitais e suas reverberações no desenvolvimento de habilidades sociais, autoconhecimento e das relações interpessoais em adolescentes. Assim, consideramos que o discurso binarista sobre as TICs não é capaz de contribuir no entendimento do fenômeno, haja vista que já se encontram solidificadas no cenário contemporâneo, tornando-se uma ferramenta indispensável no cotidiano.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Desse modo, as discussões não se inclinam mais a decidir se estes recursos são bons ou ruins, uma vez que não seria capaz de avaliar os impactos da utilização excessiva, visto a horizontalidade na comunicação, onde o usuário pode ser tanto espectador, quanto produtor de conteúdo, bem como, desconsideram a realidade dos usuários, e, portanto, precisamos considerar as mudanças e seus respectivos impactos a níveis de desenvolvimento cognitivo e psicossocial. No que se refere à volatilidade das informações na internet e redes sociais, somados a exposição desenfreada, o uso das TICs pode acarretar prejuízos funcionais, dificuldades de gerir tempo e estabelecer as necessidades principais, ao passo em que, ao permanecerem muito tempo conectados, os adolescentes estão mais vulneráveis ao estresse, ansiedade e inibição da interação social.

No que tange ao anonimato proporcionado pelas mídias, os adolescentes podem se sentir encorajados a manterem relacionamentos cada vez mais mediados por esses recursos e, como consequência, enfrentarão mais dificuldades em firmar relações na vida real. Tal questão acabará por reforçar a dificuldade de interação, à medida que se experimentam menos nesse lugar, e por conseguinte, não as desenvolvem. Cabe salientar que adquirir e desenvolver habilidades de interação e comunicação assertiva contribuem na formação profissional e são características importantes na seleção para uma vaga de emprego, ao pensarmos na dimensão profissional ao qual o Projeto se destina.

Assim, é inegável compreender as TICs como facilitadoras dos processos de aprendizado e interação em larga escala. Contudo, ainda se ressalta a importância de discutir às formas como os relacionamentos interpessoais vêm sendo estabelecidos, e sua implicação na subjetividade dos adolescentes. Por fim, a diminuição da convivência com pares na adolescência, bem como a transferência das relações para o ambiente virtual, deve ser levada em conta, visto que podem implicar na redução das competências que deveriam ser adquiridas neste período do ciclo vital, e presentes no grupo, manifestadas por dificuldades de interação, regulação emocional, tolerância à frustração.

Referências

ALVES, Pedro André Brites. A dependência da internet - efeitos na saúde, Coimbra, 2014.

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na
BESERRA, G. L; PONTE, B. A. L; SILVA, R. P; BESERRA, E. P; SOUSA, L. B;

GUBERT, F. A. Atividade de vida “comunicar” e uso de redes sociais sob a perspectiva de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*. Fortaleza, Ceará, 2016. 1-9.

BRANDEN, N. Auto-Estima e os seus seis pilares. São Paulo: Editora Saraiva, 1995. cap.1, p.1

CAMATTA, Bianca. Uso problemático de videogames entre jovens do Brasil é maior que a média de outros países. Publicado em 18/07/2022. Acesso em: <https://jornal.usp.br/ciencias/uso-problematico-de-video-games-entre-jovens-do-brasil-e-maior-que-a-media-de-outros-paises/Celular-no-cotidiano-de-adolescentes>. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 1, n. 2, contemporaneidade. Pensando fam., Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, dez. 2015

ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara s.a. 1968

FELICIANO, I. P; AFONSO, R. M. Estudo sobre a auto-estima em adolescentes dos 12 aos 17 anos. *Psicologia, saúde e doenças*, Lisboa, 13, n.2, 2012

FILHO, A. M. T.; TRAINOTTI, C. G. Introdução às tecnologias da informação e comunicação. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

FONTE L. A influência das novas formas de comunicação no desenvolvimento sócio-emocional das crianças. [acesso 2017 Abr 17]. Disponível em: www.psicologia.com.com.pt/artigos/textos/A0405.pdf

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

GONÇALVES, Bruna Galdinho; NUERNBERG, Denise. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. Revista jul./dez. 2016.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. 2002. Disponível em: <http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf>. Acesso em: 03, dez. 2022.

GUPTA C, JOGDAND DS, KUMAR M. Revendo o impacto das mídias sociais na saúde mental de adolescentes e jovens adultos. Cureu. 14/10/2022: e30143. DOI: 10.7759/cureus.30143. PMID: 36381882; PMCID: PMC9645642.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

MURARI, K. S.; DORNELES, P. P. Uma Revisão Acerca do Padrão de Autoimagem em Adolescentes. Revista Perspectiva: Ciência e Saúde. v.3, n.1, p. 155-168, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324262536_UMA_REVISAO_ACERCA_DO_PADRAO_DE_AUTOIMAGEM_EM_ADOLESCENTES>. Acesso em: 10, jun. 2022.

KHOURY et al. 2017; LIN et al. 2014. Smartphone addiction inventory.

Lemos, C. G. (2001). *Adolescência e escolha da profissão*. São Paulo: Vetor.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. 8. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

REIS, D. C; ALMEIDA, T. A. C; MIRANDA, M. M; ALVES, R. H; MADEIRA, A. M. F. Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, 21, n. 2, 2013. 1-9

RIEHM KE, FEDER KA, TORMOHLEN KN, CRUM RM, YOUNG AS, GREEN KM, PACER LR, La Flair LN, Mojtabai R. Associations Between Time Spent Using Social Media and Internalizing and Externalizing Problems Among US Youth. JAMA Psychiatry. 2019 Dec 1;76(12):1266-1273. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2019.2325. PMID: 31509167; PMCID: PMC6739732.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Leblam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SOARES, Samara Souza Diniz; CÂMARA, Gislene Clemente Vilela. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do

SULER, J.R. 2004. The Online Disinhibition Effect. Cyberpsychology & Behavior, 7(3):321-326. <http://dx.doi.org/10.1089/1094931041291295>

TOSUN, L.P.; LAJUNEN, T. 2009. Why Do Young Adults Develop a Passion for Internet Activities? The Associations among Personality, Revealing 'True Self' on the Internet, and Passion for the Internet. CyberPsychology & Behavior, 12(4):401-406. <http://dx.doi.org/10.1089/cpb.2009.0006>

WARD, ADRIAN F, DUKE, KRISTEN, GNEEZY, AYELET, BOS, MAARTEN W. Fuga de cérebro: a mera presença do próprio smartphone reduz a capacidade cognitiva disponível. Journal of the aAssociation for Consumer Research 2017.